

Sem interrupção na trajetória, Coral Uniara completa 30 anos

Atividade cultural mais antiga da Universidade de Araraquara – UNIARA, o Coral Uniara chega aos 30 anos em 2018. Iniciado pelo maestro Moacyr Carlos Junior e atualmente comandado pelo regente Rogerio Toledo, o coro é responsável por representar a instituição em diversos eventos e localidades. Atualmente conta com 39 integrantes. *Página 7*

Gyovana Vargas

“Por Onde Andei”

Produzido pelo aluno Lucas Surian, o filme da produtora “Surian Filmes” estreou em 21 de dezembro de 2017, no teatro da escola Externato Santa Terezinha.

Página 7

CEMAC abre oficinas

Centro Cultural de São Carlos (CEMAC) oferece oficinas culturais para a população de São Carlos, substituindo a antiga Oficina Cultural da cidade.

Página 3

Ferrovias em maquetes

A atividade conhecida como ferromodelismo busca resgatar e preservar a memória das linhas férreas e das locomotivas através de encantadoras miniaturas.

Página 4

Um teatro abandonado

Em situação precária desde do início do ano passado, o Teatro Municipal de Araraquara continua sem condições para receber espetáculos e demais eventos.

Página 8



Grupo de coralistas incorporou estilos como música sacra e erudita com o regente Rogerio Toledo



Público passeia durante uma das exposições da RolêFeira, no Parque Infantil, em Araraquara.

Novidade em Araraquara

A RolêFeira é uma nova alternativa para quem busca lazer diferenciado em Araraquara. Criada em 2017, propõe ao público uma nova experiência, uma feira com música, arte, exposições e compras conscientes.

Com mais de 30 expositores participantes, a RolêFeira traz ao público opções como

quitutes, artes, acessórios, brechós, produtos orgânicos e projetos sociais.

A ideia das criadoras é discutir questões sociais vinculadas à cultura e às artes, além de deixar mensagens e reflexões aos frequentadores.

Página 5

Matheus Carvalho



“Primeiro, devemos educar a alma através da música e a seguir o corpo através da ginástica”, dizia Platão

Música para quem?

Uma nova perspectiva de vida se abre através da música e de pessoas dispostas a fazer um mundo melhor

Repórter: Matheus Carvalho

Unir música com projetos sociais é a ideia do Projeto Orquestra Jovem de Araraquara que tem como objetivo resgatar pelo aprendizado das artes a cidadania e o acesso à educação, desenvolvendo instrumentos para o aperfeiçoamento técnico e artístico dos profissionais do segmento cultural e transformando a cultura em canal de inclusão social.

É um projeto financiado pela lei de incentivo à cultura (Lei Rouanet/ nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991), e abrange indivíduos de 6 a 25 anos, tendo como principal público pessoas de classe vulnerável. Atualmente o projeto alcança 110 pessoas de vários lugares de Araraquara.

A ideia do projeto surgiu quando um grupo de profissionais percebeu que a cidade de Araraquara necessitava de uma iniciativa voltada para atender uma população vulnerável socialmente, desta forma formatou-se a primeira versão da Orquestra Jovem, em 2010, e que permeia até hoje.

Transformação social é o objetivo da Orquestra Jovem de Araraquara

Marcelo Fernandes, responsável pelo Orquestra Jovem de Araraquara, reforçou os principais objetivos do projeto. “Pretende proporcionar uma transformação social na medida em que procura complementar a formação do ser humano, para que se formem cidadãos mais plenos, conscientes de seus deveres e direitos, colaborativos, participativos e comunicativos”

A psicóloga Poliane Lima, formada pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), afirma que o comprometimento com os projetos que envolvem música acabam se tornando uma ferramenta muito importante dentro das classes vulneráveis para a estruturação de uma vida um pouco mais disciplinada.

“Assim como esporte, a música exige disciplina e comprometimento, então é desenvolvido na pessoa um certo arranjo metódico, sem o qual não conseguiria atingir seus objetivos na música”.

O projeto Orquestra Jovem funciona às quintas e sextas-feiras, das 8h às 21h na Avenida Espanha, 507.

70 meninas em situação vulnerável são atendidas em Oficina

CCAOM conta com amparo de educadores sociais para formar mulheres cidadãs

Repórter: Juliana Marçola

Organização sem fins lucrativos e em atividade desde 2004, o Centro Cultural e Assistencial Oficina das Meninas (CCAOM) atende cerca de 70 meninas. Fundada por Adélia Bellodi Prevato, a entidade oferece atividades como dança, música, teatro, educação física e oficina de valores, na qual as participantes aprendem sobre valores morais e espirituais e como se comportar no cotidiano.

Segundo a coordenadora Angela Cristina de Oliveira, o principal objetivo da Oficina é formar mulheres cidadãs. “Não temos o interesse de formar bailarinas, atrizes. O nosso objetivo é formar mulheres prontas para enfrentar o mundo”, ressalta Angela.

Um dos critérios para fazer parte da Oficina das Meninas é apresentar situação de vulnerabilidade, seja ela social, econômica ou física. “Normalmente todas apresentam uma vulnerabilidade econômica que leva às outras”, comenta a coordenadora.

Para atender às demandas, o CCAOM dispõe de uma equipe de profissionais atuando como educadores sociais. A professora de educação de valores, Vanda Aparecida Gobbo, salienta que em suas aulas procura trabalhar com livros, músicas, rodas de conversa e acontecimentos reais e atuais na vida das próprias meninas. “Discutimos



Juliana Marçola

Professores e coordenadora lecionam com o objetivo de preparar as alunas para enfrentar o mundo

e desenvolvemos os valores morais das meninas através dessas reflexões”

Lorena Mirella de Melo Oliveira e Aline Cardoso Luz, ambas com 14 anos de idade, são alunas da Oficina e dizem que o projeto representa uma segunda casa. “É praticamente uma parte da minha vida. Estou aqui desde os 5 anos e foi aqui que aprendi como me portar nos lugares”, comenta Lorena.

“Os valores e o conhecimento que eu tenho, aprendi aqui. Ano que vem terei que sair para seguir os estudos, por isso quero aproveitar ao máximo cada segundo”, acrescenta

Aline.

A Universidade de Araraquara – UNIARA colabora com o projeto oferecendo apoio financeiro, patrocínio e doações de campanhas realizadas por alunos. A analista de recursos humanos da Universidade, Jussara Borges, é, também, umas das diretoras da Oficina. “O professor [reitor] Luis Felipe Cabral Mauro se sensibiliza muito com situações como essa e promove diversas ações sociais no município. A Uniara se envolve com muita coisa na sociedade, especialmente na cidade de Araraquara”, afirma Jussara.

EXPEDIENTE

O Jornal Vitral é um projeto laboratorial experimental, produzido pelos alunos do 3º ano do curso de Jornalismo da Universidade de Araraquara – Uniara, no âmbito das disciplinas “Design e Produção Gráfica” e “Redação e Edição em Jornalismo Impresso”. É publicado no portal do Curso de Jornalismo (<http://www.uniara.com.br/cursos/presencial/graduacao/jornalismo/#item-jornal-vitral>)

Reitor:

Prof. Dr. Luiz Felipe Cabral Mauro

Chefia do Departamento de Ciências Humanas e Sociais:

Profª. Dra. Eduarda Escila Ferreira Lopes

Coordenadora do Curso de Jornalismo:

Profª Me. Elivanete Zappolinni Barbi

Professores Orientadores:

Luiz Carlos Messias da Silva (Reportagem, Redação e Edição)
Profª. Me. Solange Luiz (Design gráfico e fotografia)

Secretária de Redação:

Julia Tavares de Moraes

Editores de Texto:

Gustavo Miguel Curvelo
Igor Emidio da Hora Silva
Leonardo Marco da Silva Geraldo
Mateus Cremonesi Abarca

Repórteres:

Ana Paula da Silva Pinheiro, Brenda Silva Soares Bento, Carolina Gomes de Faria, Évelin de Cássia Corrêa Nogueira, Felipe de Assis Smaniotto Cassucio, Gyovana Rodrigues Vargas, Juliana Marçola Angelo, Mariane Silvestre, Matheus Teixeira de Carvalho, Mirian Ramos Pereira, Nubia Pereira Oliveira, Paulo Roberto Vicente, Ricardo Ferreira de Barros, Tathiane Fátima Sousa, Victor Denóis Izídio, Vitor Hugo Queiroz Cardoso da Cunha, Viviane Mendes Reis

São Carlos oferece oficinas de arte

Atividades são realizadas pelo CEMAC, que substitui a antiga Oficina Cultural

Repórter: Tathiane Sousa

A antiga Oficina Cultural de São Carlos passou por transformações nos últimos anos. Atualmente carregando consigo o nome de Centro Cultural de São Carlos (CEMAC), mas mantendo boa parte das antigas atividades, a entidade agora dispõe de recursos municipais para oferecer oficinas para a população são-carlense, dando continuidade ao seu atendimento para todos os públicos, desde o infantil até a terceira idade.

A mudança crucial de denominação ocorreu no final de 2016, quando o governo do Estado determinou que as oficinas culturais do interior e litoral de São Paulo encerrassem suas atividades devido à falta de recursos financeiros. Para seguir com o projeto da então Oficina Cultural “Sérgio Buarque de Holanda”, no entanto, a Prefeitura de São Carlos se adequou à legislação e passou a adminis-

trar o local, com atividades ininterruptas desde maio de 2017.

Segundo o chefe de difusão cultural do município, Carlos Alberto Caromano, a atual administração tem buscado expandir as opções culturais à sociedade. “A retomada do trabalho cultural é direito da população e a cultura é uma obrigação do poder público”, ressalta Caromano.

Em relação à Oficina Cultural, o CEMAC conta com algumas diferenças. “A Oficina era administrada pela ONG POIESIS (Organização Social de Cultura), parceira do Governo do Estado de São Paulo, e escolas particulares de música da cidade tinham o direito de realizar apresentações gratuitamente no espaço.

Hoje, o órgão é municipal e só pode atender a escolas e órgãos públicos”, explica o chefe de difusão cultural.

Entre as atividades, o CEMAC disponibiliza oficinas como as de trabalhos manu-



Tathiane Sousa

Crianças, tal qual a população em geral, podem desfrutar de oficinas como circo, teatro e dança

ais, fantoches, circo, fotografia, dança, samba rock e teatro, além do Projeto Dançar, incorporando, ao todo, quase 700 pessoas atendidas.

Segundo Nana de Souza Ekman Simões, aluna de dança contemporânea e circo, as oficinas têm deixado um bom legado para sua saúde. “Percebi que as minhas articulações e flexibilidade melhoraram bastante”, salienta.

Para o futuro, o CEMAC visa fortalecer sua grade de oficinas com projetos como o Circuito Arena, de musicalização, e levar apresentações circenses às escolas públicas municipais.

As atividades culturais do CEMAC são realizadas no próprio Centro Cultural, localizado no Centro de São Carlos, assim como no Céu das Artes “Emílio Manzano”, bairro São Carlos VIII.

Pintura Sistêmica pode ser opção terapêutica

Técnica artística desenvolvida através da pesquisa dos campos mórficos ajuda no bem estar

Repórter: Ricardo Ferreira

O artista plástico Marcelo Miura, de Araraquara(SP) conta que sempre, de maneira involuntária, praticava a pintura sistêmica em suas obras, mas só descobriu isso ao frequentar um curso de artes plásticas, no ano passado. Ao observar sua desenvoltura ao pintar em vários estilos, do classicismo ao impressionismo, soube que essa habilidade se denomina “pintura sistêmica”.

Tudo começa com pesquisas do biólogo inglês Rupert Sheldrake, para quem todo ser vivo gera um campo energético que ele denominou morfogenético. Esses campos mórficos possuem energia e informação que permanecem no ambiente, considerando o espaço e o tempo, sem perder sua essência.

Miura cita Monet, pintor expressionista do Século XIX cujo estilo pode ser retomado por artistas contemporâneos devido às informações disponíveis no espaço do campo mor-

fogenético criado pela ação do artista. Artistas que dominam essa técnica acessam, através do campo morfogenético essa impressão, reproduzindo o mesmo estilo de pintura de Monet, ou seja, é a entrada no campo vibracional, energético e informacional de qualquer pintor e captando assim seu estilo artístico.

A técnica pode ser realizada de várias maneiras como em uma tela branca, na pintura a óleo, acrílica e também em uma folha de papel. Existem várias técnicas, uma delas é a espontânea, quando o artista, sem nenhum tema em mente, entra no campo energético do artista de quem busca acessar a técnica.

É considerada uma forma terapêutica por proporcionar algum conforto aos interessados. Trata-se de um direcionamento que vem através do canal, que é o artista, e sempre é algo motivador, afável e que ajuda a pessoa a melhorar de alguma maneira em sua vida.

“Não tem nenhuma ligação com mediunidade, espiritismo ou qualquer religião. É uma

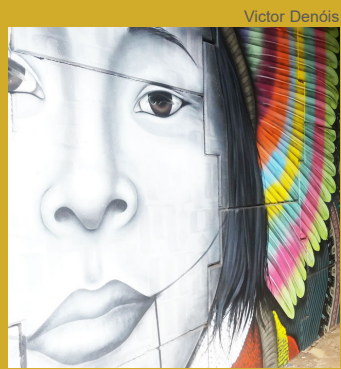


Ricardo Ferreira

Pintura Sistêmica pode ser alternativa terapêutica

ciência com embasamento na física quântica. O artista funciona apenas como um canal para

levar informações que estão no campo morfogenético da pessoa.” esclarece Miura.



Victor Denóis

“Índia” pintada na 14ª edição

Território da Arte 2018

Repórter: Victor Denóis Izidio

O Território da Arte é um projeto que se consagra há anos na cidade, organizado por artistas de toda região e de países como Estados Unidos, França, Itália e Japão.

A partir da 14ª edição, os artistas passam a mudar cenários da cidade, levando suas obras para as ruas, transformando pontos que estavam degradados em arte, mantendo o conceito nos eventos seguintes. Em visita ao local, dia 3 de setembro de 2017, o prefeito Edinho Silva declarou que “é a primeira iniciativa para que a gente recupere espaços urbanos degradados por meio da expressão cultural do grafite”.

A 15ª edição será realizada no mês de maio deste ano. Na reunião preparatória, realizada no dia 19 de fevereiro, artistas e interessados em Artes Visuais foram convidados a participar da produção do evento, organizado também pela Secretaria Municipal da Cultura e pela Fundart, mirando artes plásticas, pinturas, esculturas e instalações e outras manifestações artísticas.

O artista João Paulo Malara (Jota Aracê), 28 anos, referência da arte urbana com projetos em Araraquara e região, um dos apoiadores do projeto, diz que “a arte de rua tem o papel de reviver os lugares, a poesia no meio do caos. A cidade é um organismo vivo, as cores têm que estar num tom de alegrar o dia das pessoas”.

Ano passado, as instalações artísticas foram destaque da agenda, que tinha como tema “A cidade como suporte”, e também homenageou Ernesto Lia e o mecenas Hélio Morganti. A cidade fez-se suporte para artistas intervir, utilizando a temática de comemoração dos 200 anos de aniversário de Araraquara.



Évelin Nogueira

Maquetes com miniaturas são as principais atrações de eventos de praticantes de ferromodelismo

Um hobby saudosista

Visando preservar a história das ferrovias, ferromodelismo ganha destaque no interior de SP

Repórter: Évelin Nogueira

Em São Carlos (SP), o ferromodelismo está sempre em destaque devido às pessoas que trabalharam na área e à Associação de Ferromodelistas promoverem grandes eventos relacionados a este hobby.

Em 2017, a cidade sediou o 18º Encontro de Ferromodelismo Frateschi, o maior evento de ferromodelistas da América Latina, que contou com mais de vinte maquetes e recebeu mais de três mil visitantes, reunindo expositores de várias regiões do país.

O guarda civil municipal (GCM), Daniel Nave Buckwieser, é fascinado por miniaturas de trens desde pequeno e estava presente no evento. Segundo ele, em sua maquete, até então modesta, foram gastos cerca de R\$ 3 mil em vagões e mais R\$ 5 mil com as locomotivas.

Este ano é realizado o 11º Encontro de Ferromodelismo na cidade conhecida como a capital da tecnologia e será num fim de semana, nos dias 4 e 5 de agosto. O evento será organizado na estação ferroviária, localizada em frente à Praça Antônio Prado, no Centro.

MOTIVAÇÃO

A questão do saudosismo é parte da motivação do GCM Daniel Nave. As lembranças de quando era criança trouxeram à tona a vontade de con-

tinuar a guardar as miniaturas do transporte em que seu avô trabalhou por muitos anos. Além disso, o pai de Daniel também o ajuda com suas maquetes, na parte mecânica das locomotivas. “É um trabalho em conjunto, isso me motivava ainda mais. Ter meu pai comigo trabalhando em algo que nós dois gostamos traz um sentimento de felicidade sem tamanho”, disse.

Para Buckwieser, o hobby é uma terapia e o gasto com as miniaturas não importa quando se trata da saudade dos tempos antigos, procurando manter viva a história das locomotivas no país.

HISTÓRIA

As primeiras miniaturas de trens das quais se tem notícia foram fabricadas por artesãos alemães por volta de 1830. Essas, no entanto, eram frágeis, pois não tinham partes móveis e eram empurradas sobre trilhos.

Berço da revolução industrial, os fabricantes de brinquedos ingleses encararam a miniaturização de trens de forma mais séria.

Não demorou para que o público demandasse mais do que apenas as locomotivas, eles queriam comprar sistemas completos e cada vez mais complexos.

A estimativa é que haja entre 15 e 25 mil praticantes da modalidade no país. As miniaturas mais elaboradas são as importadas.

O ferromodelismo consiste na construção de modelos de transporte ferroviário em escala reduzida.

Ator Robinson Pinheiro interpreta Jesus há 38 anos

O ator participou de mais uma Via Sacra de Ibitinga

Repórter: Ana Pinheiro

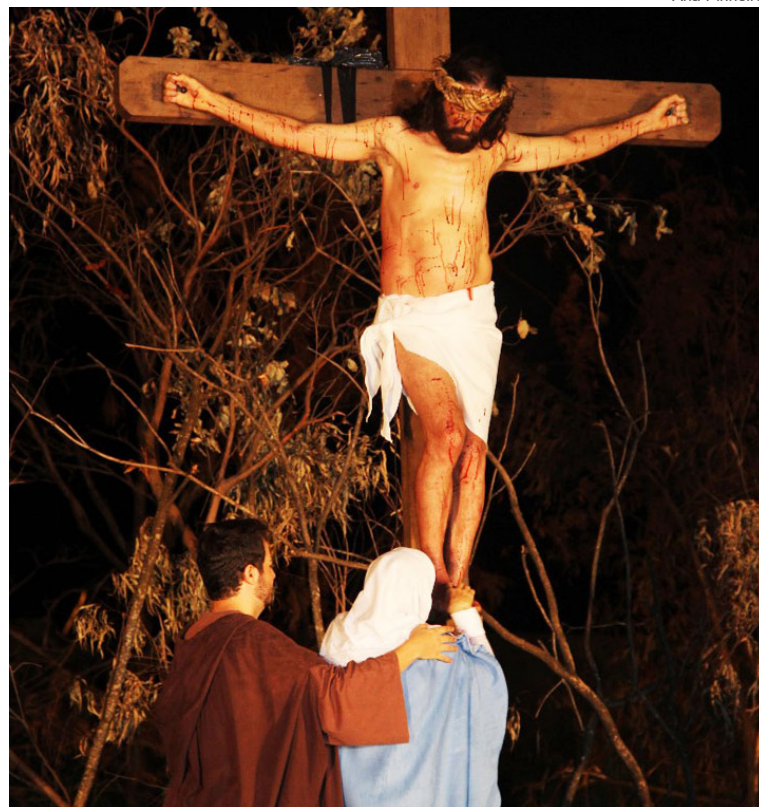
Que a Via Sacra em Ibitinga já se tornou tradição, disso não resta dúvida. Robinson Pinheiro, nascido e criado em Ibitinga, é o ator responsável por interpretar Jesus Cristo desde a primeira edição da encenação, ou seja, em 2018 Robinson vive Jesus pela 38ª vez.

As preparações para a peça começam muitos meses antes. Os cabelos e barba param de ser cortados a partir de dezembro para que, na data esperada, esteja o mais próximo do personagem.

Teve um ano que a preparação foi além do costume e o ator começou a se dedicar ao esporte da corrida de rua. “Eu preciso estar bem preparado para o evento que requer muito do meu físico e do emocional. Só a cruz pesa 100 Kg. Outro motivo é a estética, pois o personagem que eu faço tem o biotipo mais magro e na história tem todo o contexto por conta dos 40 dias no deserto”.

A dedicação de Robinson é intensa. Na hora em que o personagem recebe chibatadas ele sente as dores porque são verdadeiras e com força. Além disso, o ator ressalta que “quando eu coloco a roupa o Robinson some; a partir daquele momento eu sou inteiramente do personagem. Até quando está próximo do horário da apresentação eu me isolo, me concentro para que tudo possa sair como o planejado”.

Como em todos os lugares, imprevistos acontecem, mas o show não pode parar. Robinson relembra uma história emocionante de força e amor ao público. “Em Boa esperança do Sul estava trabalhando com uma cruz de lá. Na hora que a cruz cai, ela vem no meu braço e eu já mudo o de lado para que não me machuque. Nesse dia, ela não caiu como deveria, conforme bateu no chão minha



Ana Pinheiro

Robinson atuando na Via Sacra de 2018

mão estava embaixo. O soldado que vinha me acompanhando tropeçou nos fios do microfone que estavam próximos e acabou pisando em na minha mão, machucou mais ainda. A dor foi absurda, mas a cena não pode parar. Na hora de ir para o calvário, falei para ele, baixinho: Eu quebrei a mão. E então chegou a hora da cruz e a minha mão não fechava para me segurar, mas mesmo assim continuamos a encenação até o final. São incidentes do momento que você não tem o que fazer, você tem que ir até o fim”.

Questionado sobre como se sente fazendo esse trabalho que mexe com o coração de tantos fiéis, ele responde muito agradecido. “Nós não fazemos teatro; apesar de ser um teatro, nós evangelizamos através da peça. Tem que ser feito tudo com muita responsabilidade, queremos passar a ideia verdadeira. É um trabalho que dá muito gosto de fazer. Digo para os outros que tenho três filhos de carne e osso e um de paixão, a Via Sacra. Por isso me envolvo dessa forma. Me perguntam o

porquê de a cruz ser tão pesada, é a forma que eu encontro de agradecer pela minha saúde, pela minha família e por poder estar ali mais um ano fazendo história”.

Robinson é reconhecido como um corredor de rua de muitas vitórias, competindo em cidades da região. Nessas ocasiões chega a ser chamado de Jesus. “Passo correndo e escuto ‘Ó Cristo’”. Eu acho muito bacana. É o reconhecimento de toda minha dedicação. Quando estou treinando e alguém grita tirando sarro, nessa parte me incomoda.”

Ser ator na Via Sacra começou de forma bem simples, pelo convite de seu amigo Rochinha. Os dois trabalhavam juntos no Banco do Brasil e Rochinha estava ajudando o Padre Otílio Ticianelli a planejar um evento para a semana santa e de brincadeira falou com o Robinson para que ele fizesse o papel de Cristo. Robinson em tom de brincadeira aceitou e deu tão certo que já são 38 anos do segundo maior evento de Ibitinga e atrai público de toda a região.

Charme da Avenida atrai os jovens

Passeios na Avenida Bento de Abreu acontecem aos finais de semana e feriados

Repórter: Núbia Oliveira

A avenida Bento de Abreu, em Araraquara, é uma via muito conhecida pelos diversos atrativos que chamam atenção dos moradores da cidade e de seus visitantes. Localizada na região central, a avenida interliga diversos bairros e articula outras vias importantes, como a Alameda Paulista e a Avenida Padre Francisco Salles Culturato.

Quem passa por essa via pode apreciar uma paisagem que mistura um canteiro central arborizado e, nas laterais, antigos casarões de luxo, construídos nas décadas de 1950 e 1960, que vem sendo paulatinamente transformados em imóveis comerciais.

Atualmente, com paisagismo revitalizado e diversos investimentos da prefeitura na região, a avenida é considerada um ponto nobre da cidade.

Teatro Municipal, praça do DAAE, ginásio de esportes, casas noturnas, restaurantes e diversos tipos de comércio são destaques ao longo da avenida.

Na década de 1980, os

moradores dos bairros Santa Angelina, São Geraldo e Vila Ferroviária se aproveitavam da Bento de Abreu para passeios com a família nos fins de tarde, após um dia de muita diversão no famoso clube da Ferroviária, localizado nas proximidades da avenida.

Com o passar do tempo, o espaço começou a ser explorado por grupos de jovens como ponto de encontro aos finais de semana, devido à fácil localização que permitia que pessoas de diversos bairros passassem pela avenida para aproveitar os atrativos que, na época, eram as sorveterias e lanchonetes.

“O Teatro Municipal e as proximidades do Posto Ipiranga viviam lotados de grupos de amigos que se encontravam todo fim de semana”, relata a vendedora Josiane Brescansim, que participava dos encontros na Bento de Abreu e conheceu seu atual marido no local.

Este costume ainda é mantido nos dias de hoje. Os encontros na Bento de Abreu se tornaram uma tradição que passa de geração para geração.



Núbia Oliveira

Grupo de amigos se reúnem em diferentes locais da avenida e curtem o famoso rolezinho

A aposentada Olga Mieli conta que muito antes da década de 1980, a praça do DAAE e o prédio da CTA (Companhia de Troleibus Araraquara) já serviam de ponto de paquera entre os jovens daquela época. No famoso *footing*, que vem do inglês “ir a pé”, “as moças colocavam o melhor vestido e saíam para caminhar com um objetivo claro: serem observadas pelos rapazes, igualmente

bem arrumados”.

Do *footing* ao atual rolezinho, o passeio na Bento de Abreu é um costume local e particular da população de Araraquara, que no passado encontrou um meio de socialização que se mantém até hoje, embora com as características da atual geração.

“O nosso rolezinho é bacana porque, além de ficarmos ali trocando ideias, curtindo o mo-

mento com os amigos, bebendo alguma coisa, temos também a oportunidade de fazer novas amizades e até mesmo arriscar uma paquera”, diz a vendedora Ariane Vicentini. Ela relata que dos anos 1980 para os dias de hoje o que mudou foram apenas as paisagens da avenida, pois as intenções de quem frequentava na época são as mesmas dos que frequentam a Bento de Abreu atualmente.

Feira Promove rolê cultural

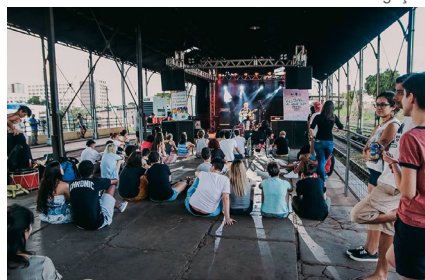
RolêFeira explora espaços públicos e valoriza o empreendedor

Repórter: Paulo Roberto Vicente

Em outubro de 2017, observando as diferentes experiências que uma feira pode proporcionar aos seus frequentadores e percebendo a necessidade da população em conhecer melhor os espaços que a cidade possui, um grupo de microempreendedoras resolveu criar a RolêFeira, um evento cultural que vem ganhando mais espaço a cada edição.

O nome surgiu com a ideia de promover um passeio entre grupos de amigos em uma feira com música, arte, exposições e compras conscientes.

Vincular arte e cultura com a discussão de questões sociais é um dos objetivos da RolêFeira. Por isso, cada edição aborda uma temática com a preocupação de deixar alguma mensagem aos participantes. A cena fe-



Divulgação

Expositores e o público na RolêFeira

minina no mundo empreendedor e cultural, a visibilidade trans de Araraquara e o grafite nas ruas foram temas das edições anteriores.

Atuando em diferentes categorias, os participantes produzem e expõem quitutes, objetos de arte, acessórios, brechós, produtos orgânicos e desenvolvem projetos sociais. A feira conta com cerca de 30 expositores em cada uma das edições, que acontecem a cada 40 dias e recebem em média 150 visitantes.

Grupo teatral atua há 10 anos

Anjos do Trânsito conscientizam na noite

Repórter: Brenda Bento

O grupo teatral de Araraquara “Anjos do Trânsito” é formado pelos atores Daniel Marcondes, Raquel Nascimento, Daiane Câmara e Gustavo Aragoli. Surgiu em 2008 com a professora Cláudia Galvão, fundadora e hoje diretora do projeto.

O grupo atua diretamente nas ruas, abordando motoristas na saída de bares e festas. A abordagem é feita de forma teatral e os quatro atores utilizam elementos do trânsito no figurino, o que chama atenção por não ser comum. Os atores são personagens que já morreram em acidentes de trânsito e viraram anjos que orientam as pessoas sobre os riscos.

Além da linguagem teatral, o grupo usa música com paródias, material impresso e adesivos. Os adesivos na cor verde são distribuídos para quem não bebeu e, portanto, podem oferecer carona, e o vermelho para quem bebeu e precisa de carona.

Em 2017 o conjunto fez várias campanhas para conscientizar motoristas a não dirigir bêbados. Cláudia conta que no Carnaval deste ano, reencontrou qua-



Brenda Bento

“Os Anjos do Trânsito” no carnaval

tro jovens que lembraram dos “Anjos do Trânsito” e agora optam por fazer rodízio entre eles, um sempre fica sem beber para poder dirigir. “A gente plantou a semente e germinou”, concluiu.

Além de Araraquara o grupo divulga o projeto em cidades vizinhas como São Carlos e Taquaritinga, com planos de incluir novos atores.

Museu mostra legado de um verdadeiro amante do esporte

O local histórico leva o nome do grande torcedor afeano Paschoal da Rocha

Repórter: Felipe Smaniotto

Araraquara, a morada do sol, é também a terra da *Ferriinha* (apelido carinhoso da Associação Ferroviária de Esportes), time que vem fazendo história desde 1950. Uma das equipes mais tradicionais do Estado, permaneceu 30 anos seguidos na elite do futebol paulista. A cidade conta também com um vasto museu de esportes amadores, porque Paschoal Gonçalves da Rocha, um verdadeiro amante de esportes, dedicou sua vida a reunir informações e objetos que compõem o Museu da Ferroviária.

Rocha nasceu no dia 27 de fevereiro de 1942, no bairro de São Geraldo, local onde passou toda sua infância. Possuindo uma característica ímpar, o torcedor fazia questão de ressaltar

que só retirava o manto afeano na hora do banho. Acompanhou o clube desde sua fundação e viveu colecionando fotografias. Frequentava todos os clubes da cidade e publicava em jornal local os resultados dos campeonatos internos e da Liga de Araraquara de Futebol, do futebol de salão, do basquete e outras modalidades.

No final dos anos 1970, Papa Afeano (seu apelido nas rodas de aficionados) começou a colecionar fotos dos times amadores, mas o museu surgiu quando o jornalista Wilson Silveira Luiz sugeriu a criação de uma sala para guardar e expor a sua coleção. O empresário Vicente Michetti apoiou a ideia, fazendo que a sala Reminiscências Esportivas fosse fundada em 25 de maio de 1980. Com o decorrer dos anos, o acervo cresceu ganhando mais pertenc

ces e chegou a tomar cinco cômodos de sua casa, abrangendo outras modalidades e também eventos sociais. Papa contou também com ajuda do jornalista e fotógrafo Tetê Vivani.

Paschoal, em uma entrevista cedida à TV Ara em 2014, disse que trabalhou com esporte desde 1969 e também foi coordenador de esportes da Prefeitura. Por muitas vezes foi ele quem organizou os campeonatos com apoio da diretoria da Ferroviária.

Antes de ser reconhecida pela Prefeitura de Araraquara (SP) em 2015, a coleção reunia um acervo de mais 40 mil fotos, além de troféus, camisas, livros e revistas sobre o esporte amador e profissional de Araraquara.

Paschoal morreu no dia 20 de novembro de 2014, aos 72 anos.



Felipe Smaniotto

O museu fica localizado em uma sala anexa à arquibancada do Complexo Aquático da Fonte Luminosa

A falta de dinheiro interfere na carreira de muitos talentos do futebol

Atletas promissores abandonam sonhos e a carreira em meio a um mercado mercenário

Repórter: Vitor Hugo Cunha

No Brasil, milhares de crianças e adolescentes buscam realizar o sonho de se tornar um jogador de futebol, gastando tempo, energia e dinheiro para isso.

Segundo pesquisas recentes, uma grande parcela de jovens deixa a formação escolar em segundo plano e priorizam a formação como atleta, por acreditarem em uma oportunidade de ascensão social e numa forma de ajudar financeiramente a família que, geralmente, é de baixa renda.

Segundo dados da CBF, 84,8% dos jogadores que atuam no Brasil recebem até dois salários mínimos e apenas 1% dos jovens candidatos que se submetem às chamadas “peneiras” são aproveitados pelos grandes clubes

Brasileiros. Mesmo assim, o futebol acaba sendo o projeto de vida de muitos jovens e o fato desconhecido é que outros fatores influenciam mais que o próprio talento para o sucesso na carreira. Muitos jovens desconhecem o submundo do futebol, onde a disposição financeira vale mais que o talento em muitos casos.

João Lucas, ex-futebolista, é um exemplo que viu sua carreira encerrada por falta de recursos. “Sempre fui muito dedicado; quando criança deixava de brincar com primos e amigos na rua onde morava para frequentar os treinos do XV”, disse, referindo-se ao time da cidade de Jaú, interior de São Paulo.

Lucas não conseguia pensar em outra coisa a não ser futebol. Sonhava um dia poder atuar por um grande clube.

Teve uma oportunidade por meio de um empresário que o levou até o Corinthians, clube onde treinou por seis meses

mas não obteve sucesso. “Dirigentes do próprio clube solicitaram R\$ 90 mil para que eu permanecesse sendo observado pelos técnicos. A quantia era inviável para o momento, precisei deixar o clube e resolvi abandonar o futebol. Percebi que somente meu talento não iria bastar, precisaria de dinheiro ou de alguém para investir na minha carreira”, conta Lucas.

Vinicius Moura, formado nas categorias de base do clube São Caetano, com passagem pelo São Paulo, se deparou com um problema semelhante. Perdeu seu espaço no time com a chegada de um jogador financiado por um agente com grande influência. Descartado do elenco, passou por dois times do interior sem grande expressão até tomar a difícil decisão de abandonar a carreira.

As histórias de talentos não aproveitados por falta de recursos habitam os bastidores dos clubes brasileiros.



Victor Hugo Cunha

Sonho de ser jogador de futebol é ofuscado pela falta de dinheiro

Coral comemora ano especial

Sediado em Araraquara, Coral Uniara completa 30 anos de atividade em 2018

Repórter: Gyovana Vargas

Atividade cultural mais antiga da Universidade de Araraquara – UNIARA, o Coral Uniara completa 30 anos em 2018 e prepara uma série de apresentações alusivas à data comemorativa. O grupo, criado pelo maestro Moacyr Carlos Junior, atualmente é composto por 39 coralistas comandados pelo regente Rogério Toledo e representa a Universidade em diversos eventos e localidades.

Desde que assumiu o comando, em 2011, Toledo tem acompanhado o desenvolvimento do coro na parte técnica e também em seu desempenho. “O coro tinha um repertório só voltado para música brasileira e tentei levar para várias vertentes: música sacra, que é a minha especialidade e é a que mais desenvolve a voz, música popular brasileira e estrangeira e música erudita”, explica.

O coral é um grupo tradi-

cional na Uniara, tanto por seu tempo de existência quanto por estar presente em muitos momentos da Universidade. Tais fatores, para Toledo, constituem ganhos valiosos para a instituição.

“É um privilégio termos um coro que funciona ininterruptamente há 30 anos e é muito importante para a Universidade ter esse coral porque mostra o apoio à cultura e à visão artística. São dois lados: o lado do quanto a Uniara é boa para o coro e o quanto o coro é bom para a Uniara, porque ele abrihanta inúmeras apresentações institucionais e outras solenidades”, enfatiza o regente.

Tendo em vista o tempo de trabalho e a história do Coral Uniara, Toledo acredita que o grupo desempenha um papel de destaque também entre os coros do município de Araraquara. “O coro da Uniara é o mais tradicional da cidade atualmente. Isso não é um orgulho próprio, é uma res-



Gyovana Vargas

Coral é composto por 39 integrantes e coordenado há sete temporadas pelo regente Rogério Toledo

ponsabilidade muito grande”, acrescenta.

Além disso, o coral contribui para melhorar a qualidade de vida de seus participantes, como é o caso de Junior da Silva, que cantava em corais há 31 anos e após um acidente de moto, em 2010, precisou parar com a atividade, mas viu no Coral Uniara e no maestro Rogério Toledo grandes aliados em sua

recuperação. “O Rogério ficou sabendo da minha história, começou a me passar vários exercícios e assim fui recuperando a voz. Hoje, ela está bem melhor”, celebra Silva.

Os interessados em fazer parte do Coral Uniara e participar das apresentações futuras devem entrar em contato exclusivamente pelo site uniara.com.br/atividades-culturais.

Artistas encontram barreiras no mercado profissional

Músicos e atriz relatam drama enfrentado para se tornarem profissionais na atualidade

Repórter: Carolina Faria

Os artistas brasileiros encontram grande dificuldade em se fortalecer no mercado de trabalho. E em Araraquara não é diferente e, como consequência disso, precisam de alternativas para se sustentarem e a arte que produzem se torna um *hobby*.

O musicista e servidor público Thiago Moura Bego, de 34 anos, reclama que a cultura em si não é uma área reconhecida financeiramente e as pessoas esquecem da dedicação e do estudo envolvido na vida do profissional. O profissional fala da falta investimento da parte do governo, e que isso é um reflexo do pensamento da sociedade por não reconhecer a cultura como um modo de vida.

Bego completa que a falta de união entre os profissionais da área musical prejudica o reconhecimento da categoria

como trabalhadores. Explica que há uma tabela de valores para remunerar o trabalho dos músicos mas não há fiscalização adequada da parte da Ordem da categoria. Por essa razão ele se nega a regularizar sua situação e não tem a carteira de músico profissional.

O teatro também passa por dificuldades. Segundo a atriz Raquel Nascimento, de 32 anos, a maior dificuldade é a venda de espetáculo. Em 2005, enquanto trabalhava em uma companhia da cidade de Araraquara, o foco principal era o público infantil e os projetos eram oferecidos às escolas e à Secretaria de Educação. Por isso trabalhavam, praticamente, durante o ano letivo.

Para a atriz, vivemos em um país onde não há prioridade para a formação do indivíduo como um ser questionador/pensante, e com isso se esquece que as artes fazem parte da evolução humana.

A falta de incentivo reflete



Carolina Faria

Thiago Bego nas horas vagas faz parte da banda “Bom Senso”

em pessoas talentosas que escolhem sequer tentar viver de sua arte pelos obstáculos que sabem que encontrarão. Cristiano Kobal Oliveira Dias de Andrade, de 38 anos, assistente

de assessoria de imprensa, alega não ter a intenção de fazer da música sua profissão devido a falta de compreensão da sociedade em determinados gêneros musicais.

Lucas Surian



Produtor do filme

Alunos produzem filme

Repórter: Mirian Ramos Pereira

Após ter se formado no curso de cinema da Academia Internacional de Cinema em São Paulo, o estudante de Publicidade e Propaganda Felipe Surian teve a ideia de produzir um filme, em meados de março de 2015. Junto com sua família, criou a produtora “Surian Filmes” onde trabalhou por dois anos no longa-metragem “Por Onde Andei”, que estreou no dia 21 de dezembro de 2017, em Araraquara.

O filme conta a história de um jovem que decide realizar seu sonho de sair de casa em busca de uma aventura, porém, uma série de acontecimentos faz com que ele reflita sobre seu futuro e sua liberdade.

Sendo uma produção local e sem fins lucrativos, os recursos arrecadados através de patrocínios serviram para compra de equipamentos e para alimentação dos atores em dias de gravação.

Uma das dificuldades da produção foi conseguir os direitos autorais da música “Por onde andei”, de Nando Reis, que além de ser a trilha sonora, é também o nome do filme. A produção acabou ganhando do próprio cantor os direitos autorais.

“Ver o filme sendo exibido e concluído, me deu uma sensação de missão cumprida. Todos aplaudiram, amaram a história do filme”, relata Lucas Surian Feltrin, um dos produtores.

Com o apoio de seus amigos e apesar das decepções ocorridas durante o trabalho de três anos de produção, Felipe Surian, criador de toda a obra, se sente satisfeito com o resultado: “Por um momento, eu achei que não ia dar certo, mas toda aquela pressão e tudo o que passei, no final, valeram a pena”.

Companhia teatral constrói sede

Profissional desde 2014, “Quem Procura Acha” aposta em trabalho cooperativo

Repórter: Gustavo Curvelo

A companhia de teatro “Quem Procura Acha” conquistou sua sede própria em 2018. Passando das apresentações amadoras para a vivência exclusiva através da arte em pouco menos de dez anos de atividade, o grupo vislumbra, ainda para este ano, a inauguração de um espaço próprio em área de 2 mil m² no bairro Cidade Aracy, em São Carlos, onde concentra suas tarefas culturais.

Inicialmente criada como um *hobby* de jovens artistas são-carlenses, em 2010, a companhia se profissionalizou quatro anos mais tarde e desde então não voltou mais ao amadorismo. Tendo como missão principal “proporcionar o acesso à cultura para a periferia, levando a mensagem do evangelismo através da arte” e colocando em prática as medidas adotadas em conjunto entre seus integrantes, o trabalho resultou, nestas últimas três temporadas, na grava-

ção de três DVDs e apresentações até mesmo interestaduais, como uma ocorrida no Vale do Jequitinhonha, Estado de Minas Gerais, no ano passado.

A profissionalização, em 2014, veio acompanhada de uma novidade para a companhia teatral. “Foi quando pensamos na ideia de promovermos a cooperatividade e alugamos uma sede para vivermos juntos”, resalta o diretor da “Quem Procura Acha”, Heliton Silva.

Ao possuir mais tempo para ensaiar e se capacitar com cursos pela região, outras mudanças também aconteceram. “Nossas peças artísticas começaram a ganhar qualidade”, complementa Silva.

Mesmo assim, dificuldades não faltaram ao longo de todo este período. Precisando elaborar planos alternativos para suprir a demanda financeira, a companhia optou por criar uma associação de professores a fim de prestar serviços à comunidade envolvendo arte, recreação e lazer. Para seu di-

retor, a “Quem Procura Acha” chegou a “fugir um pouco de sua identidade original”, mas alcançou, por meio destes improvisos, a sustentação necessária para poder se voltar exclusivamente ao teatro, foco principal, posteriormente.

Neste sentido, o respaldo concedido por alguns apoiadores também acabou tendo função fundamental, que, agregado às economias obtidas, proporcionou, entre outras aquisições materiais, a compra de um veículo Kombi para auxiliar nas apresentações com viagens da Quem Procura Acha. “E, além disso, também iniciamos a construção de nossa casa própria no bairro Cidade Aracy no último ano, o que nos ajuda bastante na questão de custo para o futuro”, enfatiza a relações públicas Hellen Alves.

Promovendo a mensagem do evangelho por meio de espetáculos teatrais com apresentações majoritariamente locais e regionais, além de ocasionais trabalhos em cidades um pou-



Gustavo Curvelo

Para Heliton Silva, peças ganharam qualidade quando integrantes passaram a viver somente da arte

co mais distantes de sua sede em São Carlos, a companhia de teatro “Quem Procura Acha” disponibiliza para contato o telefone (16) 9-9133-6689. O número, que tem como respon-

sável o diretor Heliton Silva, é a forma de contato não somente para a contratação da companhia, como também para o esclarecimento de dúvidas e a proposição de parcerias.

Ser ator é o intuito

Jovens idealizam, mas diretor da 4i Artes se preocupa com profissão

Repórter: Julia Tavares



Julia Tavares

4i Artes é local de sonhos

A companhia de teatro 4i Artes tem como objetivo a realização de sonhos. Os integrantes do grupo almejam a carreira de ator, mas são muitas as dificuldades encontradas no caminho até o sucesso.

Segundo o diretor Matheus de Carvalho, um dos empecilhos é a inserção de pessoas com pouco conhecimento na área, mas que ganham expressão pela aparição em algum *reality da TV*. “É um meio em que estudar muito não é a garantia da conquista”, relata.

Para ele, a falta de compreensão do público colabora com a tese. “As pessoas confundem muito a carreira de ator com fama e acabam não entendendo que muitos profissionais estão correndo atrás por amor”, comenta Carvalho.

No entanto, para Marinaldo dos Santos, pai de Nicole, 11 anos, a esperança com a filha continua. “O mercado está difícil, mas não é impossível”, avalia.

Já Camila Ferreira, 9 anos, atua há dois anos na companhia e sonha em fazer novela. Ela conta apenas com o apoio da mãe, pois o pai pensa que as chances são pequenas para quem sai do interior e busca sucesso na capital, por conta do mercado saturado.

Teatro Municipal segue inativo

Casa de espetáculos sofre com o abandono

Repórter: Leonardo Marco

Desde março de 2017, o Teatro Municipal de Araraquara encontra-se fechado devido à falta de manutenção de sua estrutura.

Problemas como cupins, rachaduras e vidros quebrados foram os principais motivos para que a Defesa Civil interditasse o local. A Prefeitura iniciou as adequações em setembro. Na época, o secretário de Obras e Serviços Públicos, João Bernal, estimou que o custo total chegaria a R\$ 2,6 milhões.

Além da falta de manutenção, desde dezembro o local sofre com a presença de moradores de rua e com grande quantidade de lixo em seu entorno.

LAMENTAÇÃO

Anna Liege González Retamero, 17 anos, fez parte de um grupo de dança que realizava espetáculos anuais no Teatro Municipal. Ela enfatizou que se apresentar na casa de espetáculos era especial para qualquer artista e lamentou a situação atual. “A interdição nos causa



Leonardo Marco

O Teatro referência para a região

angústia e nos prejudica artisticamente”, afirmou.

PREFEITURA

Em nota, a Prefeitura informou que as obras de recuperação do Teatro Municipal estão em andamento, sem previsão de conclusão. Providências estão sendo tomadas para evitar lixo e andarilhos.